

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ISABELLE SANTOS DE OLIVEIRA

**DO NASCIMENTO DA PSICOLOGIA AO (RE)SURGIMENTO DO SUJEITO NEGRO  
- LOCALIZAÇÃO PSICOLÓGICA A PARTIR DA PSICOLOGIA PRETA**

PORTO ALEGRE

2022

ISABELLE SANTOS DE OLIVEIRA

**DO NASCIMENTO DA PSICOLOGIA AO (RE)SURGIMENTO DO SUJEITO NEGRO  
- LOCALIZAÇÃO PSICOLÓGICA A PARTIR DA PSICOLOGIA PRETA**

Trabalho apresentado no curso de  
Graduação em Psicologia da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

COMENTADORA: LIZIANE GUEDES  
DA SILVA

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. CAROLINA  
DOS REIS

PORTO ALEGRE

2022

## AGRADECIMENTOS

“Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia.”  
(Salmos 118:24)

Ao meu Pai que me deu perspectiva, visão, intrepidez, sabedoria e a força que eu precisei para entrar e para permanecer na Universidade.

À minha avó, dona Esméria, por ser a avó-mãe que é para mim.

À minha mãe, por ser a melhor de todas, por ter o colo dos sonhos, por me proteger, por me amar, por me defender de mim mesma. Por ter acreditado em mim quando eu mesma não acreditei.

Ao meu pai, que sonhou junto comigo, que acreditou em mim desde o princípio e que me fortaleceu de incontáveis formas ao longo de todo o processo.

À Nina, que esteve ao meu lado nos momentos mais felizes e mais difíceis desses últimos 6 anos, sempre me encorajando e me dando apoio, fazendo absolutamente tudo ao seu alcance para me ver bem.

À Isabel, que foi paciente e muito generosa comigo ao longo do percurso, me acolhendo, auxiliando, orientando e encorajando.

Ao meu irmão, cunhada e sobrinha, que me transmitem o amor e o carinho que eu preciso para continuar firme.

Ao meu dindo e dinda, que me incentivam e me animam em todas as circunstâncias possíveis.

Aos meus queridos irmãos da IBVN, e aqui destaco o Pastor Luiz, a Marisa e a Helena, que sempre se importaram e intercederam por mim.

Às minhas tias, tios, primas, primos e afilhados, que me acolhem e me dão coragem para seguir.

À minha amiga, colega e maior parceira de jornada, Gabriela Lipert, que ingressou na Universidade junto comigo e que, ao longo de todos esses anos de graduação, caminhou ao meu lado, me encorajando a permanecer e sendo encorajada por mim.

Às minhas amigas Caroline Cardoso, Alvarina Moreira, Juliana Fleischmann e Lavínia Costa, que me seguram firme sempre que eu me vejo enfraquecida, que acreditam na minha capacidade e que me fazem muito feliz.

Aos demais amigos que se fazem presentes na minha vida, me apoiando, me fortalecendo e trocando experiências comigo.

## **Resumo**

Refletir acerca de onde localizava-se a população negra no século XIX quando a Psicologia surge como ciência; apontar para uma prática psi que se dedique exclusivamente a pensar os processos subjetivos pelos quais os sujeitos negros são atravessados ao longo de suas trajetórias e propor caminhos de resgate ancestral através da produção artística preta como estratégia para romper com as barreiras impostas pelo colonialismo são os principais norteadores desse trabalho. Com críticas à Psicologia Ocidental, o presente trabalho propõe discussões sobre como os currículos dos cursos de Psicologia das universidades brasileiras seguem reproduzindo um formato de ensino eurocentrado e, portanto, expressivamente embranquecido, excludente e limitado. Embasado na lógica da Psicologia Preta, esse trabalho de conclusão de curso busca reafirmar a força da subjetividade negra e a expansão da mesma conforme o sujeito negro torna-se protagonista da sua própria história.

**Palavras-chaves:** Raça, psicologia, colonialismo, arte, universidade, afrocentricidade, Psicologia Preta.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>3. PSICOLOGIA OCIDENTAL.....</b>	<b>12</b>
<b>4. BREVE INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA RACIALIZADA NO BRASIL.....</b>	<b>14</b>
<b>5. PSICOLOGIA PRETA E AFROCENTRICIDADE.....</b>	<b>18</b>
<b>6. ARTE, RESISTÊNCIA, AUTOESTIMA E SUBJETIVIDADE PRETA.....</b>	<b>21</b>

## **1. Apresentação:**

Este Trabalho de Conclusão de Curso vai se construir sobre a relação da população negra com a temática da saúde mental, compreendendo a construção subjetiva desse sujeito negro que se constituiu na diáspora brasileira, e que, mesmo após anos da abolição da escravatura, ainda é marcado e atravessado pelo sistema racista sobre o qual o país foi alicerçado. Também fará um apanhado histórico do desenvolvimento da Psicologia no Brasil e no mundo, com a indagação de qual era a posição do sujeito negro ao longo dessa história. Portanto, se construirá um ensaio que busca através de referências de autoras(es) negras(os), refletir acerca da subjetividade do sujeito negro, usando uma lógica embasada na Psicologia Preta.

### **O Absurdo**

Quanto a mim? Meu nome é Isabelle Santos de Oliveira, eu tenho 25 anos desde o dia 6 de outubro desse ano e eu sou uma mulher negra. Filha do Bidu e da Silvinha, neta da dona Esméria, do seu Jorge, da dona Amélia e do seu Manoel Darci. Tenho dois irmãos, o Ícaro e a Andressa. O Wagner é meu dindo e a tia Jandira é minha dinda. No início do ano nasceu a Flora, minha sobrinha, o bebê da casa, o cheirinho bom da tia Isa. Falar de mim é também falar da minha família, meu verdadeiro ponto de ignição.

Minha trajetória na graduação foi atravessada por muitos acontecimentos absurdos, e parte do processo de enfrentar cada um deles foi a de sempre voltar para os braços da minha família, posso e devo afirmar que foram tempos de aprender que esquecer o caminho de casa é um problema que uma jovem negra graduanda não deve permitir-se ter. Às vezes a resposta é de uma simplicidade que, basta você reconhecer a importância de correr para os braços da sua família, mesmo quando o que eles têm a oferecer não é o que você esperava. Entender que o que você espera não é o mesmo que o que você precisa é outro ponto importante.

Este trabalho de conclusão de curso é, para além de qualquer outra coisa, o meu próprio reflexo, o meu próprio absurdo. É uma pequena parte das muitas coisas que eu vivenciei, que eu senti, que eu reconheci, que eu (re)aprendi e que eu me tornei ao longo desses sete anos de graduação. Foram sete longos anos de deserto, em que o desejo de desistir esteve constantemente presente, e que a vontade de acabar com o sonho do diploma era algo tão natural quanto precisar escovar os dentes.

Foi vivendo o universo racista, excludente, branco e elitista de uma universidade pública do sul do país que eu entendi que consciência africana é sobre deslocar mente e corpo, é mudar a rota, é voltar-se à África e, sobretudo, é se entregar ao processo de resgate. Resistir e persistir na academia foi ato de coragem, de necessidade, mas, mais do que isso, foi aceitar que o que eu sou, que o que eu tenho, que o que eu guardo comigo, em mim, é muito maior do que o que qualquer conhecimento científico europeu possa querer ofertar, e que estremecer estruturas racistas é o que me dá energia para continuar crescendo e enriquecendo pelos meus e pelas minhas.

O trajeto foi difícil, ao ponto de ser quase insuportável em muitos momentos, contudo, quem não esquece o caminho de casa sempre tem para onde retornar, seja para repor energias ou para lembrar que o que nos move é muito maior do que o que tenta nos paralisar. E apesar de toda falta de mim no currículo do curso de Psicologia da UFRGS, eu me encontrei, e meu encontro comigo resulta neste trabalho.

“Nações em declive na mão desse barrabás

Onde o milagre jaz

Só prova a urgência de livros

Perante o estrago que um sabre faz

Imersos em dívidas ávidas

Sem noção do que são dádivas

Num tempo onde a única que ainda corre livre aqui

São nossas lágrimas

Eu voltei pra matar tipo infarto

Depois fazer renascer, estilo um parto

Eu me refaço, farto, descarto

De pé no chão, homem comum

Se a benção vem a mim, reparto

Invado cela, sala, quarto

Rodei o globo, hoje tô certo de que

Todo mundo é um

Tudo, tudo, tudo, tudo

Que nós tem é nóiz

Tudo, tudo, tudo

Que nós tem é “

(EMICIDA, 2019)

## 2. Introdução

Pode-se afirmar que, em razão de o berço daquilo que hoje chamamos de Psicologia ter sido a Europa, o estudo dessa área do conhecimento nas universidades brasileiras, ainda nos dias de hoje, é acentuadamente eurocêntrico, ou seja, as teorias e autores propostos em sala de aula seguem sendo, majoritariamente, homens brancos europeus, produzindo conhecimento a partir de um lugar de fala branco europeu que, conseqüente e intencionalmente, não inclui o sujeito negro (VEIGA, 2019). A questão é como olhar e situar esse sujeito que, em um primeiro momento, é trazido à força do continente africano para ser escravizado em solo brasileiro e que, mesmo após anos da abolição, segue precisando encarar um cenário descolado da verdadeira história da população brasileira, ou seja, a história da colonização.

Este cenário de descolamento pode ser resumido no mito da democracia racial, que seria o racismo velado, a falsa ideia, consolidada no imaginário social e referida em obras como “Casa Grande Senzala”, de que, no país, não haveria racismo, mas uma convivência harmônica entre os povos. Freyre afirma que historicamente a miscigenação de raças no Brasil nunca foi tratada e nunca existiu como um processo livre, espontâneo, e, portanto, natural, de união entre dois povos (FREYRE, 1995). Para a população negra, vivenciar o racismo sem sequer poder falar a respeito dele, sem poder denunciar as injustiças sofridas, sem ter o direito de admitir a opressão experimentada no cotidiano, gera um processo de silenciamento e de apagamento da história vivida (KILOMBA *apud* ROSA, 2020). Daí se reforça a construção de uma sociedade eurocentrada em que tudo é pensado da perspectiva da cultura de pessoas brancas para pessoas brancas, inclusive a Psicologia. Esse fato permite que se compreenda o não pertencimento da pessoa negra em diáspora nos valores dessa cultura.

Torna-se possível afirmar, de forma geral, que a Psicologia que chega ao Brasil é aquela que foi desenvolvida na Europa e nos Estados Unidos, com diferentes escopos teóricos, e que, se por um lado humaniza o sujeito branco, por outro patologiza o negro (NOBLES, 2009). Nesse sentido, surgem as seguintes indagações: como poderia essa mesma Psicologia, pensada na perspectiva de autores brancos, e pautada na subjetividade branca, alcançar e contemplar o sujeito negro, se até então os negros nem sequer eram considerados sujeitos, se haviam sido sistematicamente objetificados e

mesmo animalizados ao longo da história? Como uma Psicologia branca e eurocêntrica poderia se estender para o sujeito negro numa sociedade contaminada pelo racismo estrutural, numa sociedade que vem negligenciando e desvalidando a existência dessa população ao longo de toda a sua trajetória (NOBLES, 2009)? Além disso, o que significa cursar Psicologia para um estudante negro? Como fica esse sujeito que é sempre colocado na posição de precisar reconstruir e ressignificar as teorias e mesmo as ideologias propostas pelo colonizador? Quando se fala em Psicologia Preta, está-se pensando em uma Psicologia que não só contemple o povo preto, mas que coloque esse povo no centro da discussão, no cerne da preocupação e, diferentemente da Psicologia Ocidental, tenha no seu escopo de interesse social, cognitivo e comportamental uma história que inclua e ultrapasse a perspectiva eurocêntrica hegemônica (VEIGA, 2019).

Dizemos não a uma certa psicologia, branca demais para acolher e tratar dos efeitos do racismo em nossas subjetividades, e nos aprofundamos no estudo para o desenvolvimento de uma Psicologia Preta no Brasil (VEIGA, 2019).

Nesse sentido, busca-se responder e superar um paradoxo injustificável historicamente: como é possível que um país onde a população branca é minoria siga desconsiderando a sua própria história escravocrata e escanteando a população negra nos currículos acadêmicos e escolares? Quando se tem uma centralização absoluta do sujeito branco na abordagem das teorias e dos saberes da Psicologia, ou seja, quando se caracterizam os sujeitos e/ou seus modos de existência, em termos de funcionamento e práticas sociais e/ou culturais, todas as referências são feitas sob a perspectiva europeia. Esse fato, que decorre da própria origem da Psicologia como ciência, acaba fazendo do sujeito branco o modelo de pessoa ideal, mesmo que, num país como o Brasil, à luz de sua diversidade e mescla de culturas e povos, isso não faça o menor sentido (KILOMBA, 2020).

A insistência daqueles que são responsáveis por estruturar o currículo do curso de Psicologia nas universidades brasileiras, bem como dos docentes, em perpetuar esse erro ou distorção histórica, é fruto de uma naturalização do eurocentrismo, que automaticamente coloca o sujeito não branco num lugar de escanteio em que, ou este se reconhece enquanto continuidade da herança europeia estabelecida no Brasil, apesar de

historicamente não ser este seu lugar, ou simplesmente não se reconhece em lugar algum.

Pensando nisso, o Trabalho de Conclusão de Curso do Psicólogo Alisson Batista, corrobora para tal reflexão quando o autor afirma que “pouco ou nada é refletido sobre racismo na formação de um psicólogo dentro das instituições de ensino”, além disso, o mesmo também aponta que este cenário influencia diretamente na experiência de atendimento psicológico que o sujeito negro receberá ao buscar um profissional com quem possa tratar de suas questões (BATISTA, 2016). Esta situação tem, ao longo da história, se retroalimentado de seus próprios efeitos, uma vez que, ainda nos dias de hoje, os docentes e docentes das universidades brasileiras seguem sendo pessoas majoritariamente brancas que desfrutam de uma experiência privilegiada de universidade, em que esses sujeitos se sentem plenamente representados pelo currículo proposto ao passo que os sujeitos que não são contemplados pelo currículo, ficam à margem da academia. É justamente esse impasse que este TCC quer abordar, mostrando como esse processo de exclusão se construiu e aprofundou ao longo da colonização brasileira, como ele afeta a subjetividade das pessoas negras e, sobretudo, tentando evidenciar de que forma a denominada Psicologia Preta pode contribuir para reverter esse quadro, aportando para os cursos de Psicologia novas perspectivas teóricas e ferramentas efetivas de promoção da autoestima e da saúde mental da população negra.

### **3. Psicologia Ocidental**

A Psicologia surge como ciência no século XIX, tendo o ano de 1879 como marco simbólico, data em que foi criado na Alemanha o 1º Instituto de Psicologia, em Leipzig, dando origem, como salienta José Lobo Junior (2022), aos primeiros trabalhos experimentais com a mente. Nesse sentido, a Ciência Psicológica constrói-se como uma decorrência do Iluminismo e da Revolução Científica que surgem nos séculos XVIII e XIX e que dão origem a uma ideia de indivíduo considerado em sua singularidade. Até então, a Psicologia era um ramo da Filosofia, concebida sob uma perspectiva exclusivamente teórica e não clínica. O atendimento às questões de cada indivíduo, em termos de apoio, compreensão e direcionamento moral, era uma prerrogativa da Igreja (LOBO JUNIOR, 2022).

Nesse sentido, é interessante observar que, se no Brasil a abolição só ocorreu em maio de 1888 (BARBOSA, 2012) e o Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade de Leipzig, foi fundado em 1879 (ARAUJO, 2009), então o processo inicial da consolidação da Ciência Psicológica ocorreu quando o mundo ainda estava, oficialmente e politicamente, organizado sob a lógica metrópole/colônia, na qual a força de trabalho e de produção de riqueza era de uma população escravizada. Desse modo, torna-se fácil compreender para qual público os saberes da Psicologia foram pensados em um primeiro momento, o qual definitivamente não incluía o público negro, até porque este ainda se encontrava sob regime escravocrata.

Poucos anos depois, surge a Psicanálise, em meados de 1896, quando o médico neurologista Sigmund Freud usa o termo pela primeira vez para descrever o processo de análise de componentes que formam a psique humana (FREUD, 1896). É importante apontar que, entre 1879 (ano da criação do Laboratório de Psicologia Experimental) e 1888 (ano da abolição da escravidão no Brasil), passaram-se 9 anos, ao passo que, entre a abolição (1888) e o surgimento da Psicanálise (1896), passaram-se 8 anos, ou seja, essas três datas que aqui aparecem como norteadoras dessa reflexão aconteceram em um intervalo de 17 anos, curto período de tempo, sendo que, na última data referida (1896), a população negra no Brasil vivia o início de um longo e doloroso processo de silenciamento, marcado pela estratégia política de propagação da ideia de democracia racial, cujo intuito era estabelecer o estado de plena igualdade entre as pessoas, independente de raça, cor ou etnia (FREYRE, 1995). No Brasil, entretanto, a democracia racial nunca passou de teoria, segundo o próprio Freyre, cenário que gerou consequências devastadoras à população negra e à constituição da sua subjetividade.

Torna-se necessária, portanto, a retificação de que este capítulo não pretende se aprofundar sobre as nuances que atravessam o desenvolvimento da Ciência Psicológica e da sua prática clínica no Brasil ou no mundo, mas sim analisar brevemente o momento histórico em que ocorreu o surgimento desse campo do saber, partindo de um pequeno apanhado de informações que, em conjunto, evidenciam a desconexão da Psicologia Ocidental com a população negra da época de seu surgimento, desconexão essa que perdura até os dias de hoje, uma vez que grande parte dos currículos acadêmicos seguem focando em teóricos europeus para pensar o que é a Psicologia e como aplicá-la. Daí, a importância de uma Psicologia que proponha uma prática afrocentrada, em

que o centro do interesse seja de fato a população negra, seu processo de constituição subjetiva, suas demandas e seus desafios cotidianos.

#### **4. Breve introdução à Psicologia racializada no Brasil**

“É mil volts a descarga de tanta luta

Adaga que rasga com força bruta

Deus, por que a vida é tão amarga

Na terra que é casa da cana de açúcar?

E essa sobrecarga frustra o gueto

Embarga e assusta ser suspeito

Recarga que pus, é que igual Jesus

No caminho da luz, todo mundo é preto

Ame pois

Simbora que o tempo é rei, vive agora não há depois

Ser templo da paz, como cais que vigora nos maus lençóis

É um dos dois, um dois

Longe do playboy

Como monge sóis

Fonte como sóis

No front sem bois

Forte como nóiz

Lembra a rua é noiz”

(EMICIDA, 2019)

Esse trecho da música “Principia”, do rapper brasileiro Emicida, retrata certo inconformismo do poeta com a realidade imposta, quando ele diz, por exemplo: “Deus, por que a vida é tão amarga, na terra que é casa da cana de açúcar?”, fazendo referência ao fato de que o Brasil, por muito tempo, foi um dos grandes produtores de cana e exportadores de açúcar no mundo (SOUZA, sem data), sobretudo durante o período colonial, em que a cana representou a primeira grande riqueza agrícola e industrial do país, em função de o clima e o solo brasileiros serem ideais para o seu cultivo, sendo que esses resultados só foram alcançados por meio de mão de obra escrava. Nesse sentido, a antítese que Emicida usa na sua letra de rap consegue capturar, de forma poética, a cruel ironia do cenário de escravização e abuso de um povo para a produção em larga escala de algo que, em tese, serviria para adoçar a vida. Esse produto, durante muito tempo, só chegou às bocas dos colonizadores, deixando o povo que o plantou e colheu e seus descendentes - já que as consequências dessa lógica se perpetua até hoje, de outras formas - apenas com o sabor amargo da exploração.

Essa análise da música de Emicida torna possível a visualização do cenário colonial, mas sem deixar de ser atual, uma vez que também expressa as injustiças sofridas pela população negra ainda nos dias de hoje, como o próprio artista refere na frase: “Essa sobrecarga frustra o gueto, embarga e assusta ser suspeito”, como se o sujeito negro passasse de escravo para suspeito, expressando a triste realidade de que, a cada 23 minutos (MARQUES, 2017), morre um jovem negro no Brasil, seja por conta da violência policial, seja pela falta de políticas públicas que impulsionem esse sujeito a uma outra posição social.

Entretanto, nenhuma ação afirmativa ou política pública tem sido capaz de superar o racismo estrutural ao qual o sujeito negro está submetido. Tal reflexão é importante para se compreender em que posição se subjetiva o sujeito negro em diáspora brasileira ao longo de sua história. E é pensando nisso que muitos teóricos e profissionais fizeram o movimento de teorizar a respeito dessa diferença entre os processos vividos pelos sujeitos negros e brancos, uma vez que apenas as teorias da Psicologia Ocidental não dariam conta de compreender e auxiliar as demandas da população negra.

Apesar de já se ter entendido a necessidade de estudos voltados especificamente aos interesses da população negra e aos impactos do racismo institucional sobre a saúde mental dessa população, é importante a compreensão de que, ao longo da história, a produção de conhecimento das(os) pensadoras(os) e intelectuais negras(os) sofreu o que o professor e sociólogo Boaventura de Sousa Santos conceitua como epistemicídio. Tal termo pode ser definido como: “o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo 'saber' ocidental” (GARIGHAN, 2021). Ou seja, o fato de não haver, ou haver pouquíssima referência de autores e autoras negras nos currículos, está muito mais relacionado ao processo de epistemicídio sofrido do que a ausência da produção propriamente dita.

As psicanalistas negras Virgínia Leone Bicudo (1910-2003) e Neusa Santos Souza (1958-2008) são dois nomes pioneiros nos estudos raciais no Brasil. Socióloga, Virgínia foi a primeira acadêmica a escrever uma dissertação de mestrado sobre as relações raciais no país, “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, em 1945. Realizou pesquisas sobre as relações raciais na cidade de São Paulo, a partir das vinculações entre sociologia, antropologia, psicologia social e psicanálise, demonstrando que os esforços da população negra pela conquista de novo status social, mediante investimentos em educação e formação profissional, não levam, de forma automática, à eliminação “das distâncias sociais na linha de cor”, como diz a autora, devido à persistência do preconceito racial (BICUDO, 2010). O enfoque de Virgínia, centrado em mecanismos de defesa subjacentes ao ajustamento psicossocial da população negra à situação racial (como defesa, introjeção e identificação) indica a necessidade de incluir uma perspectiva psicanalítica ao lado de uma abordagem de cunho sociológico na análise e enfrentamento da questão. A importância de sua obra reside na superação da visão tradicional e conservadora que até recentemente defendia a existência de uma pretensa “harmonia racial” no país e que associava ou reduzia as manifestações de racismo a uma questão de classe.

Já a psiquiatra e psicanalista negra, Neusa Santos Souza, tornou-se conhecida pela publicação do livro “Tornar-se Negro – As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” (1983), que se tornou um marco nessa transição de perspectiva a respeito da Psicologia que pensa o sujeito negro no Brasil. Em homenagem às suas contribuições, foi criado em 2015, no curso de psicologia da

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o Coletivo de Estudantes Neusa Souza, momento em que a autora é reconhecida pela importância de sua luta contra a discriminação e pela densidade e qualidade de seu trabalho. É extremamente simbólico o fato de que a autora cometeu suicídio aos 60 anos de idade, no ano de 2008, tendo deixado aos seus amigos uma rápida mensagem pedindo desculpas pela sua atitude radical. Meses antes de sua morte, ela havia redigido um texto para o Correio da Baixada, manifestando-se sobre os 120 anos da abolição da escravatura. São suas palavras:

Cento e vinte anos de abolição quer dizer 120 de luta dos negros que, no Brasil, dia a dia, convivem com o preconceito e a discriminação racial. 120 anos de abolição quer dizer 120 anos de luta contra o racismo desse país que é nosso e que ajudamos a construir: não só com o trabalho, mas, sobretudo, com a cultura transmitida por nossos ancestrais e transformada e enriquecida por cada um de nós. 120 anos de abolição quer dizer 120 anos de luta contra todos os setores da sociedade e da vida cotidiana: nos espaços públicos e nos espaços privados; na Câmara, no Senado, nos sindicatos, no local de trabalho, nas escolas, nas universidades, no campo, na praça e em nossas casas. 120 anos de abolição quer dizer 120 anos de luta contra qualquer lugar em que houver um negro que ainda sofra preconceito e discriminação racial (SANTOS, 2022).

Na atualidade, um autor que vem se destacando no estudo do racismo nas subjetividades negras é Lucas Veiga, psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, que pesquisa sobre saúde mental e sobre questões raciais e anticoloniais, buscando caminhos de promoção da saúde mental para a população negra. No seu artigo “Descolonizando a Psicologia: notas para uma Psicologia Preta”, publicado na Revista Fractal, o autor ressalta a necessidade de se reconhecer que os currículos das Universidades brasileiras de Psicologia são impregnados de colonialismo, sendo os autores mais estudados homens-brancos-europeus, conforme citado na Introdução deste trabalho. Diz o autor:

Estes autores, que são importantes na história ocidental da psicologia como ciência, e aqui me refiro à psicologia clínica, construíram conceitos para manejar as subjetividades brancas com foco no sofrimento psíquico. A importação e incorporação direta das conceituações psicológicas e psicanalíticas produzidas na Europa

desconsideram a singularidade da marca, dos processos de subjetivação não brancos e impõem uma nosologia à imagem e semelhança da subjetividade do colonizador. (VEIGA, 2019)

A ideia defendida por Lucas Veiga é de instaurar um processo de “descolonização”, compreendendo e enfrentando o racismo institucional que distorce a subjetividade negra, fazendo-o colocar-se, ainda que inconscientemente, em posição subalterna. O autor vai chamar esse fenômeno de efeito “diáspora”, descrevendo-o como a sensação recorrente de não se sentir numa posição equânime com os outros membros da sociedade, projetando para si uma espécie de autodesprezo que se estende sobre os indivíduos negros a partir dos ideais brancos que ele foi coagido a assimilar (VEIGA, 2019).

É a partir desta última perspectiva que se dará a continuação da reflexão proposta no início deste trabalho, pensando na importância de se ampliar cada vez mais a produção teórica de uma Psicologia que se propõe a colocar o sujeito negro como protagonista dos saberes, e não como um outro, comparado a um sujeito branco, entendido como “universal”, que é o sujeito da Psicologia Ocidental.

## **5. Psicologia Preta: Afrocentricidade na Prática**

“Tudo que bate é tambor

Todo tambor vem de lá

Se o coração é o senhor

Tudo é África

Pus em prática

Essa tática

Matemática, falô?

Enquanto a terra não for livre, eu também não sou

Enquanto ancestral de quem tá por vir, eu vou

É cantar com as menina enquanto germina o amor

É empírico, meio onírico

Meio Kiriku, meu espírito

Quer que eu tire de tu a dor”

(EMICIDA, 2019)

Ainda sobre a música Principia, é importante ressaltar que o trecho que inicia esse capítulo antecede, na versão original da música, o citado no capítulo anterior. Tal alteração de ordem foi feita, pois esta estrofe condiz melhor com o que o tema deste capítulo pretende abarcar. “Tudo que bate é tambor, todo tambor vem de lá. Se o coração é o senhor, tudo é África” (EMICIDA, 2019), afirma o poeta na letra de sua canção, como quem diz: “a força que rege a mim e aos meus vem de África, e de nenhum outro lugar”; como quem busca se reafirmar, e de maneira categórica, enquanto sujeito negro que, apesar de viver as consequências do apagamento da história de seu povo, sabe que pode fazer o movimento de resgate da conexão ancestral com África.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar o conceito de “afrocentricidade” abordada pelo teórico, filósofo e cientista estadunidense MoleteKeteAsante, presente no texto “Afrocentricidade: Notas Sobre uma Posição Disciplinar”, em que o autor afirma:

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009).

O que Asante afirma em seu texto fala de um lugar que grande parte da população negra em diáspora brasileira não sabe que ocupa e não reconhece como seu, mas apesar disso o reivindica inconscientemente, mesmo com toda a opressão gerada pela estrutura racista em que esses sujeitos se constituem. No mesmo texto, Asante fala

do conceito de “localização psicológica”, ressaltando que, de uma perspectiva “afrocentrista”, para se pensar um sujeito, é importante perceber onde sua mente está situada- e essa localização refere-se ao lugar ocupado por ela em termos culturais, históricos ou psicológicos(ASANTE, 2009).E pensar nessa localização é buscar saber se esse sujeito ocupa um lugar central ou marginal com relação à sua cultura, ressaltando-se que “uma pessoa oprimida está deslocada quando opera de uma localização centrada nas experiências do opressor (...) O objetivo do afrocentrista é manter o africano dentro, e no centro, de sua própria história” (ASANTE, 2009).

Nesse sentido, o que Asante (2009) descreve corrobora a ideia de que aquilo que era central para a subjetividade europeia não é universal, sendo necessário e mesmo urgente um “descentramento” desse mito eurocêntrico, para então haver uma reconstrução da Psicologia enquanto objeto de estudo, com a incorporação de perspectivas decoloniais nos currículos acadêmicos, bem como outros fundamentos e outras formas de olhar para esses homens e mulheres, incluindo, por exemplo, uma dimensão afrocêntrica de abordagem. A emergência e a importância dessa “reconstrução”, antecedida de uma “desconstrução” dos seus mitos, precisa ocupar espaço na academia.

Marimba Ani, outra autora estadunidense, antropóloga e estudiosa dos saberes africanos, é a responsável por ter cunhado o termo “maafa”, que a mesma usa para descrever o processo de descontinuidade histórica, pelo qual as produções culturais, científicas e intelectuais de povos africanos foram interrompidas por conta da escravização forçada. Maafa é um conceito maior do que o processo histórico da escravização, visto que tenta nomear o rompimento de vários povos com suas culturas, fenômeno causador de morte e destruição para além da possibilidade de compreensão humana (ANI, DATA).

As comunidades humanas (...), têm um caminho/processo de crescimento ou desenvolvimento que pode ser mapeado. O caminho do desenvolvimento africano em termos de socialização, vida familiar, educação, formas de conhecer a Deus, padrões de governo, pensamento filosófico profundo, invenções científicas e técnicas foi descarrilado pela invasão e dominação estrangeira (NOBLES, 2009).

Esse trecho do Nobles serve para ilustrar o conceito de Maafa, já que, com esse descarrilamento, rompe-se o desenvolvimento e o crescimento da cultura dos povos africanos, quando esses foram sequestrados para serem escravos. A partir desse momento, interrompe-se o seu desenvolvimento cultural, por conta da necessidade de priorizar tecnologias de sobrevivência. A partir dessa conceitualização, reitera-se a importância de romper com a lógica do processo epistemicídio, fortalecendo práticas que sirvam como estratégia de resgate de uma identidade ancestral que foi violentamente reprimida, ou mesmo roubada, da população negra ao longo da história.

O desenvolvimento de uma Psicologia Preta não se concebe, portanto, como uma mera inserção de um adjetivo a uma ciência já existente, mas como uma reelaboração teórica muito mais ampla e radical. Trata-se de rever suas certezas e verdades e, principalmente, como afirmam Cristiane Carvalho e Ramon Alcântara (2018), trata-se de superar a visão universalista, que advoga que as interpretações científicas para os fenômenos da realidade são válidas para todas as culturas e povos.

Nesse prisma, o advento de uma Psicologia Preta tem uma dupla perspectiva e tarefa: não só agregar novas subjetividades a um edifício teórico já construído, mas (re)situá-las, desmistificando muitas de suas certezas e reabrindo possibilidades para que a população negra encontre caminhos de representatividade e de diálogo com essa Psicologia. Caso contrário, sem uma urgente ressignificação dos currículos, mais da metade da população do país continuará sendo atendida por profissionais que, ao longo de sua formação profissional, não tiveram um preparo condizente para lidar com o indivíduo que emerge na era pós-colonial nem para enfrentar as múltiplas implicações decorrentes da herança dessa colonização.

## **6. Arte, resistência, autoestima e subjetividade**

“Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes

Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes

Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?

Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência

É roubar um pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes

É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”

(Emicida, 2019)

No mesmo álbum da música *Principia* (2019), referida nos capítulos anteriores, o poeta Emicida também inclui a canção intitulada *AmarElo*, que é também o título do álbum, sugerindo um duplo sentido ao vocábulo que, além de indicar a cor amarela como símbolo de esperança, otimismo, riqueza e prosperidade, também sugere a relação entre os conceitos de amor e elo. Esse jogo de palavras acompanha a construção de todo álbum. A poesia que o Pastor Paulo Vieira recita ao final da canção *Principia* diz o seguinte: “O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo, no vínculo de todas as cores dizem que o amor é amarelo”. A mensagem que o rapper expressa através de sua obra permite a compreensão de que o amor, enquanto elo que conecta e vincula as pessoas e os propósitos, é também a força que o leva a produzir o conteúdo que produz, o que lhe dá ânimo, o que lhe dá coragem, o que lhe permite resistir.

Essa motivação sentida pelo artista e vinculada ao conceito de amor, é poeticamente retratada na letra da canção “*Cananéia, Iguape, e Ilha Comprida*”(2019), ainda do álbum *AmarElo*, em que um trecho da letra expressa a seguinte analogia: “Do fundo do meu coração, do mais profundo canto em meu interior, pro mundo em decomposição escrevo como quem manda cartas de amor”. Esse último trecho expõe um artista que, mesmo reconhecendo a infinidade de problemas estruturais presentes na sociedade - sobretudo os que afetam a população negra, uma vez que o poeta coloca essa população como protagonista em suas produções -, não se deixa abater, não se

deixa calar, fazendo questão de falar por meio da música, por si e pelas demais pessoas negras que, assim como ele, enfrentam as consequências do racismo estrutural em seu cotidiano.

Entretanto, o rapper também registra uma outra intenção com sua produção artística, que não é simplesmente retratar uma história de luta, mas também comunicar e instaurar a potencialidade da população negra, como o próprio poeta afirma na canção AmarElo (2019), quando diz: “permita que eu fale, não as minhas cicatrizes, se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência é roubar um pouco de bom que vivi”, como quem diz que, apesar de ser um homem negro numa sociedade corrompida pelas consequências do colonialismo, não tem apenas um histórico de dor e sofrimento para transmitir; pelo contrário, reconhece ser mais que suas tristezas, mais que suas batalhas e lutas, uma vez que tem um potencial artístico que lhe permite ir muito além daquilo que os discursos hegemônicos dominantes na sociedade esperariam de um homem negro.

É pensando nisso que se dará a breve reflexão deste capítulo, pois, quando se fala desse discurso hegemônico, refere-se a uma lógica em que o branco é protagonista. E é justamente esse tipo de estrutura que a arte do rapper Emicida se propõe a romper. Contudo, tal processo de rompimento é dificultado pela naturalização da ideia de uma supremacia de tudo aquilo que são signos da branquitude (VEIGA, 2019). De acordo com o psicanalista Lucas Veiga, muitas vezes a população negra se engaja em formas de identificação com os modelos estéticos brancos, numa aproximação que tem como objetivo e como efeito “apagar os signos corporais do corpo negro, afilar seus traços, como alisar ou raspar os cabelos, e, no limite, desejar o apagamento total do corpo negro, sua própria extinção” (VEIGA, 2019). A superação desse processo devastador passa pelo resgate do senso de identidade negra, ocupando os múltiplos espaços da sociedade que até hoje são hegemonicamente brancos, como a política e as posições de poder, revertendo o sentimento de inferioridade e de baixa autoestima que ainda hoje perpassa a sociedade brasileira e que influencia e compromete a construção da subjetividade negra.

Preso às malhas da cultura, o negro trava uma luta infinda, na tentativa de se configurar como indivíduo no reconhecimento de um “nós”. Seu corpo negro, socialmente concebido como representando o que corresponde ao excesso, ao que é outro, ao que extravaza,

significa para o negro, a marca que, a priori, o exclui dos atributos morais e intelectuais associados ao outro do negro, ao branco. (...) É essa dimensão singular que torna a condição de negro impossível de ser simetrizada à condição de branco, que produz para o negro a experiência de sofrer o próprio corpo. Essa experiência, portanto, ao meu ver, irá determinar formas particulares na constituição da dimensão psíquica, envolvendo certas configurações de sentido, que caracterizam, para o negro, a condição subjetiva (NOGUEIRA, 2016).

Esse trecho da psicanalista Isildinha Baptista Nogueira trata de parte do processo de constituição da condição subjetiva do sujeito negro, em que a autora fala da experiência de sofrer o próprio corpo, definição que a mesma utiliza para se referir à angústia de um sujeito negro que rejeita sua própria imagem. Pensando nisso, a autoestima das pessoas negras tem de partir da reflexão crítica sobre o que significa ser negro em um país que, embora marcado pela diversidade racial, tem no branco o modelo ideal de pessoa. Para tanto, será preciso reconhecer a trajetória dos negros na história da escravidão e resgatar a sua ancestralidade anterior à diáspora. A respeito da história, o sociólogo Florestan faz a seguinte análise:

Na verdade, a abolição constitui um episódio decisivo de uma revolução social feita pelo branco para o branco. Saído do regime servil sem condições para se adaptar rapidamente ao novo sistema de trabalho, à economia urbano comercial e à modernização, “o homem de cor” viu-se duplamente espoliado. Primeiro, porque o ex-agente de trabalho não recebeu nenhuma indenização, garantia ou assistência; segundo, porque se viu, repentinamente, em competição com o branco em ocupações que eram degradadas e repelidas anteriormente, sem ter meios para enfrentar e repelir essa forma mais sutil de despojamento social (FERNANDES, 2007, p.66).

É nesse cenário, decorrente de um processo inconcluso de ruptura com a escravidão, que a identidade do sujeito negro no Brasil acabou associando-se muitas vezes a uma estética normativa branca e a um desejo, consciente ou inconsciente, de se aproximar dos padrões de beleza hegemônicos, numa tentativa de reconhecimento que só contribuiu para reforçar a baixa autoestima, o sentimento de não pertença e o apagamento de uma ancestralidade potencialmente libertária. Nesse sentido, torna-se possível pensar na arte como um caminho significativo de libertação, pelo seu potencial

de conscientização e de criação e pela sua capacidade de dar legitimidade e protagonismo às pessoas negras, que se veem representadas e que encontram na música, ou mesmo no cinema, nas artes visuais e no teatro, espaços de ativismo e de rompimento com os modelos de opressão vigentes.

À luz dessa perspectiva, a arte deixa de ser apenas refúgio e torna-se um ato político, de resistência e reafirmação de identidade. Pensando de maneira ampla, a experiência da representatividade negra faz ser possível que os sujeitos negros se vejam em posições que por muitos anos foram reservadas exclusivamente aos brancos. Para além disso, as histórias contadas deixam de ser de artistas brancos para espectadores brancos e passam a ser de artistas negros para o público negro, com cada vez mais pessoas engajadas em promover esse protagonismo, no qual o que se pretende destacar são as potencialidades das pessoas negras, bem como a verdadeira história da população - e já não mais a história contada pelo colonizador.

A música “Autoestima”, do cantor Baco Exu do Blues, fala da experiência de um sujeito que, apesar da fama, do dinheiro e do estilo de vida luxuoso, tem dificuldade em reconhecer sua própria potência enquanto homem negro. No refrão da canção, o artista faz a seguinte afirmação: “eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim”, trazendo à tona a mesma lógica de resgate da história ancestral abordada pelo rapper Emicida na canção AmarElo, quando ele diz “permita que eu fale, não as minhas cicatrizes”, retratando a experiência do artista negro que, mesmo diante de toda a opressão sofrida, encontra na arte um lugar de reivindicação da sua própria existência como sujeito.

Se você está tentando achar a autoestima que roubaram de você, faz uma coisa: pare de procurar no olhar de aprovação dos outros. Procure no seu interior. Procure nas suas raízes. Procure na verdadeira história dos seus ancestrais (Marques, 2022).

Assim, parafraseando o poeta Marques, o artista assume o protagonismo negro e mostra que é possível, a partir de um olhar para si e para a sua ancestralidade, dar corpo e voz a um processo de resgate e de reafirmação identitária que coloca o negro no lugar que sempre foi seu: o de se reconhecer como um sujeito completo, cujas potencialidades podem ser exercidas de forma plena e autônoma em todos os âmbitos da vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Saulo de Freitas. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 17, n. 1, p. 09-14, 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 dez. 2022.

ASANTE, MolefiKete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

BARBOSA, Fabiany. A abolição da escravidão e modos de pensar e de representar a experiência passada: livros didáticos (1865-1918). Brasília, 2012. Tese de Mestrado.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo (Edição organizada por Marcos Chor Maio). São Paulo, Editora Sociologia e Política, 2010 [1945].

CARVALHO, Cristiane Almeida e ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. In: Revista Espaço Acadêmico nº 211, dezembro de 2018, ano XVIII. 2018

EMICIDA. AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e PabllóVittar. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU> >Acesso em 30 de setembro de 2022

EMICIDA. Cananéia, Iguape, e Ilha Comprida. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=etRL3kv5jho> >Acesso em 30 de setembro de 2022

EMICIDA. Principia. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28) >Acesso em 30 de setembro de 2022

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global, 2007

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record. 1995

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html> > Acesso em 30 de setembro de 2022

LOBO Junior, José ElisbertoGonçalves. Curso Online de História e Origem da Psicologia Como Ciência. Disponível em <<https://www.buzzero.com/ciencias-humanas-81/psicologia-91/curso-online-historia-e-origem-da-psicologia-como-ciencia->> Acesso em 30 de setembro de 2022

MARQUES, Marília. ‘A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil’, diz ONU ao lançar campanha contra violência. 2017. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/?gclid=EAIaIQobChMIsKinkaOC\\_AIVEmSRCh3D7glAEAAAYASAAEgIsD PD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/?gclid=EAIaIQobChMIsKinkaOC_AIVEmSRCh3D7glAEAAAYASAAEgIsD PD_BwE)> Acesso em 18 de agosto de 2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOBLES, Wade. Sakhusheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 277-298, 2009.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. A saúde psíquica da população negra. Cenários da saúde da população negra no Brasil: Diálogos e pesquisas, p. 17-24, 2016.

ROSA, E. G., & ALVES, M. C. Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes Negros/Negras. Pelotas, 2020. Psicologia: Ciência e Profissão, 40 (n.spe), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229978><https://www.scielo.br/j/pcp/a/d5kWsM4mt5fPmjmPMPRYJKS/?lang=pt&format=pdf>

SOUZA, N. S. Abolição da escravatura quer dizer libertação? Aprende Brasil. 2022. Disponível em: <<https://educadores.aprendebrasil.com.br/blogassessoria/2022/04/28/abolicao-da-escravatura-quer-dizer-libertacao/>> Acesso em 30 de setembro de 2022.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: LeBooks, 2019.

SOUZA, Rainer Gonçalves. “Apogeu e Crise do Açúcar”; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/apogeu-acucar.htm>> Acesso em 18 de agosto de 2022.

VEIGA, Lucas. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. Fractal, Rev. Psicol. 31 (spe), dez 2019. Disponível em <<https://saude.abril.com.br/coluna/saude-e-pop/a-psicologia-preta-e-a-saude-mental-dos-negros-no-brasil/>> Acesso em 30 de setembro de 2022